

A fala que aprendi

Na aldeia de Quintã-Campeã concelho de Vila Real

POR

António Joaquim da Eira e Costa (*)

Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Estas notas etnográficas vão escritas em linguagem popular, embora sem a pretensão de constituírem um estudo linguístico, e muito menos um trabalho sobre fonética de rigor científico e tecnicamente perfeito.

Gostaria de apresentar coisa nesses moldes; mas talvez num futuro próximo.

Peço ao leitor para não reprovar os inúmeros parêntesis explicativos que me pareceram a melhor forma de evitar igual número de notas e que seriam muito maçadoras.

Rogo à sua boa vontade para verem ou adivinharem neste linguajar do povo a actualidade e actividade dos fenómenos fonéticos e morfológicos em contínua evolução.

Na forja quente e viva do falar, molda o povo, a seu jeito, a língua que tem de ser viva.

A LABOEIRA (LAVOURA) ⁽¹⁾

Na fala qu' aprandi (aprendi), há palavras muito belas. Num digo qui (que) as num haija (haja) taméin nobas. Algũas

(*) Bairro Agro Velho, 2 — Aver-o-Mar — 4490 Póvoa de Varzim.

⁽¹⁾ Na linguagem de Quintã, os seus habitantes, apodados de calçonicos, desconhecem o fonema v.

(algumas) deibe (debem) ter sido trituradas polo (pelo) martírio da ignorância; oitras (outras) pelo prancípio (princípio) do menor esforço ou desbastadas talbeç, (talvez) por mor dos oubidos as num rejeitair (rejeitarem), e seir (serem) ó (ao) manos (menos) como filhas adoptada^s, para melhor (melhor) se podeir (poderem) dezer (dizer), e se fazer mais pulido e mais rico o câleiro do raciocinar im boz alta.

O arado do labrador, se com muinto custo rasg'-ôs (rasga os) terrões prá (para a) semanteira do milhão e das batatas, da mema forma se retesa e faç (faz) que caio-nas (caiam as) bagadas de suôr, pra trazer im dia a laboeira da luç (luz) com qui as palavras c'stumo (costumam) aclará-lo (aclarar o) pansamento. Isto é sampre ùa luita (luta), ùa guerra de todos os tempos (tempos).

Há neubas (névoas) que toilhe-no (tolhem o) sol, assim como há i auga (água) qui o terrão num 'storba dela dar sinas ó tentar remelecer (brotar).

Será i esta ùa comparança prá linguaige de Quintã.

A sombra do acipreste (cipreste) é pouca, na hora do mei'-dia; mas deixai-a tomar o fôl'go do intardecer e logo bereis a 'standedela qui a sombra dá.

O releixado (relaxado) que num aprobeit'ó tampo, irá de noite 'scolher na i arbe (árvore) a fruita madura? Irá depois ficar à 'spera do relampo (relâmpago) da treboada (trovoada), pra deixar a fruita berd' ou tomar o peso à larainja que tem mais çume (sumo)? Quanto mais, nisto de çumi, o tirar-lhe a proba num é só ó dár a dantada (dentada). Ó depois é que bem no apreciar das cousas.

Eu qu'ria dar ùa mordiscadela na maçã da linguaige da minha aldeia, a terra dos calçonicos. E quem quijer (quiser) apreciar no 'studo o sabor arcaico ou neologista do falar do meu dialecto ou as enormes transformações da nossa morfologia, a metamorfose dos fonemas ou a migração das letras, bem como a acção de subjugar os berbos pola força indomábel d'ua bontade cheia de determinação, tanha (tenha) a paciência de sperar, que já lh' of'reço algũa fruita.

A fonética, im Quintã, é herdada como que por lei de morgadio.

Ós tropeções aqui e ali, iremos dar conta de muintos sagredos da língua.

Num se ponha ninguém a dezer ai Jasús (Jesus) ou a gritar à-quedilrei (aqui-d'el-rei)...

Num se julgue que se algũa bejita (visita) a Quintã se derejir (dirigir), bai ser mal atandida, à conta di (de) a tratair (tratarem) c'm'a qu'um (como que) rebotalho (rebotalho) da língua de Camões.

Oixalá qu' im todas as terras houbesse a fidalguia com que cá se recebe (recebem) os que pra cá se dereije (dirigem).

Presta-se o mesmo cerbiço (serviço) de acolhimento ós de perto e ós de loinji (longe). Dá-se igual fatia de pão tanto ó letrado c'm'ó pobre das portas, por seir (serem) criaturas de Deus, pertançantes à mesma irmandad.

Si im Quintã acontece dar-se um pedaço grande de pão a um piqueno, taméim acontece al (às) bezes dar-se um pedaço picano (pequeno) a ãa pessua grandí.

Por isso, na troca indef'rançada do é e do á, na'ce o dezer 'scarminho dos dali à roda:

«Os de Quintẽ coime (comem) fajões (feijões) com cõdias... e dize (dizem) pẽo im beç de dezeir (dizerem) pão»!

Porém, logo oubium (ouviam)a resposta de sampre, pronta e mordaç (mordaz):

«Si os de Quintẽ coime fajões insopados com cõdias, é porque 'inda tem (têm) cõdias pra insopar c'os fajões; mas bós, muintas bezes, prás comer, tindés (tendes) di (de) as ir lá pedir, de mão 'standida e ó chapéu na mão»!

Sampre nos assiste a baidadezinha de nos podermos gabar de nunca im dias de bida alguéim de Quintã andar de porta im porta a mandigar o pão.

Se ter pão sampr' im abundância i é ser rico, com rezão os prõbõs nossos bezinhos nos chamaro (chamaram) toda a bida «os ricos de Quintã».

Ribalidade de pôbos contra pôbos, sampri as houve. Os p'rtugueses deixarium de ser portugueses, se deixaisse (deixassem) de ter na massa do saingue (sangue) este 'spir'to de luita. Por isso as competições tem (têm) que se fazer, seja (seja) contr'ó que for. E se num foir (forem) pôbos contra pôbos, cerão (serão) bezinhos contra bezinhos.

Acho que neste causo (caso) de luita, incontramos in Quintã a campanha mais lidimamente pertuguesa, qui é o a do falar de maldezer.

Num é raro as comberças (conversas) rasgaire (rasgarem) as fardas do cotio, do diairo, porqu' é pão nosso de cada dia, de cada hora e mesmo de cada momanto, ire (irem) localizar-se no ambiente da fulgurância do irónico, quando se faç (faz) chacota, quando se faz iscarne (escárnio) de tudo e de todos, tanto do mau c'm' a do bua (bom).

Luita-se pra 'spalhar a alegria no mei' do riso que dá saúde. Luita-se pra dar ó correr da comberça (conversa) a cara alegre do sol das buas (boas) graças, brincando com toda a sorte de artef'cialismos, com trocadilhos, com a intromissão de idéias contrairas, com palavras que se apareço (pareçam) mas que se preiste (prestem) pra distorcer o pansamento de quem falou.

O humor sàdio amostr'ós dantes (dentes) co'o alargar dos musc'los do riso e ó fichar gracioso dos olhos piscos.

São albor'ceres de satisfação e de graça a todas as horas do dia ou da noite.

Fazer comberça (conversa) de humor, im Quintã, foi e é e há-de ser ùa pranda natural, pranda baliosíçima (valiosíssima) que traduç, nem mais nem manos, a i alma do ser, do biber do meu pobo, a pacurar (procurar) desfraldar a bandeira da bitória por riba de todas as agruras.

Fazer andar o riso ós biracús, no jogar de idéias e palavras, é fina i arte dos calçonicos. Num poide (podem) passar sem descobrir a oitra face da moeda, a h'stória alegre do bem ou do maldezer, no caminhar de cada cousa e na dobadoira de cada hora.

A FALA QUE APRENDI

Quando deixei a bandita terra aonde Deus me mostrou a luz do dia a beç primeira, fui, após a quarta classi, pró primeiro ano dos meus studos. Bi-me tal e qual c'm' a ũa i arbe (árvore) arrincada (arrancada) do seu terrão, e lubada (levada) pra oitro clima. Ó fazeir iscarne (escárnio) da minha fala aldiã, queixei-me ó sup'rior, por num suportar a humilhação. Foi chober no molhado. E digo agora: «Se mal de carro, pior de arado». O sup'rior corregiu a minha fala, a fala qu' aprandi, de maneira um tanto paternalista e oitro tanto altiba, dura, a afundar-me a doança incipienti. Por ser o primeiro correctibo e a primeira acção directa dum sup'rior sobre o meu 'spir'to, fiquei traumatizado.

Talbeç (talvez) por 'spir'to de rebolta, ficou dantro de mim algũa cousa a frumantar (fermentar).

É qui as cousas do meu pobo faize (fazem) parte da minha i alma. Sinto-as c'm' a que seijo (sejam) minhas e eu delas. Eu sou pobo.

Mais tarde chamaro-me (chamaram-me) orgulhoso.

'Inda hoije num sei se me num compriandero (compreenderam) bem, ou se fui eu qui os num compriandi a i eles, ós qui assim me claceficaro (classificaram).

É p'eciso concid'rar (considerar) qu' o pobo tem d'reito a que se lhe reconheça a sua emancipação.

É ele ou num é o mestre da língua?

Taméim neste particular importa que tudo corra im paç (paz), sem o bater de ondas furibundas, nem ó jeito de rebirar caingalhas.

Corregir a língua de Camões num pode ser à feição da 'scrabatura.

O icesso (excesso) da tutela, quando se tem a conciância (consciência) de se poder governar pola sua própria cabeça, poderá bir a jarar (gerar) ũa certa riacção abufada (soprada) por legítimo orgulho, com 'ressaibos de bitória e oitros sentimentos apelidados de manos (menos) nobres.

Alebantar cabeça, representa a longa h'stória do esforço de quem rejeita a desmedida tutela que num passa de ùa certa opressão, pra logo se afirmar no atesar-se da sua personalidade.

Quando isto aconteç', até me lambra que da lanha (lenha) seca arrebanta (rebenta) çumi (sumo), imbora um çume pastoso, por nunca 'scorrido, ou que polo manos nunca 'scorreu à bontad'. Tal çumi irá correr pouco, mostrará-se (mostrar-se-á) perronho, que o mesmo é d'zer lanto (lento), polo cãleiro (caleira) abaixo, tal e qual c'm' a ùa criança a qu'rer dar os primeiros passos, no desejo de imitar as pessuas (pessoas) grandes.

É i esse, um momanto de friaige (friaige) e de arpeio; mas ó findar do imberno a i arbe (árvore) bai amostrar oitra tona manos crosca (áspera) e mais anediada.

Num será com soidade (saudade) do peso das directrizes na'cidas in Lisbua, qui hoije farei correr a pana (pena), a dar ó mundo ùa janela aberta, por onde lhe amostre como aí por mil e noveçantos e trinta os meus bezinhos se intandium (entendiam) uns co' os oitros, nũa linguaige simples, clara c'm' á i auga, na'cida lá na 'scuridão dos tampos (tempos) antigos.

É filha i esta linguaige da ausância de baidades, sustentada pola fidelidad às tradições, defandida corajosamente das arremetidas do falar à política (à moda dos políticos da bila).

In Quintã, todos botabo-nos (deitavam-nos) pés à parede contra quem se atrebesse a falar à moda dos graúdos (pessoas importantes) das cidades ou ó jeito do que se inxinaba (ensinava) na 'Scola.

Cautelinha lá co' isso!

Lubaria-se (levar-se-ia) in desfeita um tal atrebimanto.

Era melhor partir ùa perna, de que ser apanhado de súbito (súbito) a qu'rer sair da casca. Tinha que se g'ardar respeito à tradição. «O c'stume faz lei».

S' algum bezinho se atrebesse, a gomitar (vomitar) pola boca fora ùa só palabra a puxar à fidalga, logo era apelidado de pernóstico, a qu'rer pôr-se arriba dos oitros; mas «quem ó mais alto assobi (sobe), ó mais baixo bem cair».

Quando tal acontecessi, tinha que se oubir o 'strondo de treboada (trovoada) das línguas desinfriadas (desemfreadas). As ferroadas caíum (caíam) no lombo do prosápias ,(bazófia) a queimar mais d' qu' ós raios e coriscos.

O pobo num perdua (perdoa).

Toda a jante (gente) afi-ós (afia os) dantes (dentes) pra dar ãa 'strigadela (zurzidela).

É temeroso o rir da chacota.

O povo canta: «*Mais bale andar no mar alto do que nas bocas do mundo*».

Habia dois brasileiros no pobo, já belhotes e de respeito. Olha lá qui alguéim lubrigasse, algum dia de bida, antre o mei' da combersa deles ãa só palabra que saísse do d'reito questume (costume) do falar da oitra jant (gente)!...

É porqu' a fala que se herdou trata-se co' a mesma deboção com que se respeito-nas (respeitam as) cousas da igreija.

Num se poide (podem) arrebantar as raízes da i arbé. Ó labrar de roda delas, poucas que 'stoire (estoirem), si a num seco (secam), abalo-na (abalam-na).

Faç falta que se conserbe o zelo exegido por todos pra defender e salbar o qui é de todos.

A força da bida, no pobo, 'stá na sua expressão, na sua linguaige. Mais do que no próprio pão, é aí aonde se conçantra (concentra) o fluir do rio do biber.

Tolher a linguaige ó pobo, é tolher-lhe a bida.

C'municar, tem as suas ixejancias (exigências).

Ó fazer a radiografia do falar da minha terra, num qu'ria qu' alguéim dicesse que stou a contribuir prá deformação da língua p'rtuguesa. Si o dixeiiri (disserem), irei intraméins (entretanto), como quem luita por amor à mesma língua portuguesa, a pôr à luz do sol dos nossos dias, o dialecto de mim ton qu'rido, a fala qu' aprandi. Foi assim que comecei a dar forma ó meu pansamanto.

Poderei dezer com Pirro qui é muinto defic'l tirá-la (tirar a) camisa qu' imbolbeu a minha meninice; camisa do falar e do sentir, do oubir e do cantar, do sbatuxar (bater com as

mãos na água) no banho da luz do sol ou na poeira do luar ou no incolher do nariç (nariz) contra a 'scuridão da noite das palavras e do pansamanto.

A i alma incheu-se-me de cousas. E essas cousas fizero (fizeram) com qui eu seij-ó (seja o) que sou: *Eu sou essas cousas. E num sou scrabo, mas b'luntario.*

COUSAS INTRAMBPLICADAS

No seu comberçar (conversar) o pobo usa a sua fexão própria, quanto à conjugação dos verbos. É curiosa, nas suas regras e nas suas bariantes e eicepções.

Qui eu use hoij' êssas formas populares, cerá (será) cousa de 'stranhar, porque debo ó uso da Nação o benefício imposto, o da uneficação do idioma pátrio, co' o desprezo ou a ofansa ó d'reito milenairo qui o pobo tem, de dezer o que tem que d'zer, o que p'essisa (que é a pronúncia popular de precisa) de dezer.

Ûa cousa nunca i eu p'essisaba (precisava) qui é o santir da humilhação infligida por certos puritanos da fala presunçosa da Pátria que num saibe (sabem) ou finge (fingem) num saber o que são os falares regionais, dialectos com foros de tradição fidalga, c'stumes que faize (fazem) lei, elos de ligação co' o passado ou o passado in ligação co' o present', as bozes dos melhores a ressor inda hoij antre os fraguedos por eles defendidos.

Cousas intrambplicadas (complicadas), mas taméim int'resantes são estas d'atropeçar nas sombras das origes longínquas, ou mesmo de palmilhar etapas dos caminhos qui o falar do pobo tem a percorrer e aonde alguns num saibe (sabem) pôr os pés co' o debido respeito.

Si o falar do pobo são reliquias do passado, muinta bene-ração se debe a i essas reliquias. Só delas faize (fazem) trossa (troça), os qu' indebidamant' cuidio (cuidam) que são letrados ó pé dos analfabetos e que num dão conta da injustiça e do

roubo que tantos maus cerbidores (servidores) da Pátria tem (têm) feito àqueles contra quem nunca faltaro-nas (faltaram as) saingueçugas pra lhe' chupair (chuparem) o suor mediante os preços políticos dos fruticos da laboeira (lavoura), do dos animais domésticos, e da ixejância (exigência) dos seus filhos prás guerras.

O falar do pobo analfabeto é um arrebol sem maincha (mancha), o rude efervescer de melodia descuidada, pura e sem culpas.

Qui o pobo tem d'reito a ser respeitado, quem o dubida?

E a sua fala i é um monumanto antigo de persistância, erguido contra i essa enorme, imperdoábel lacuna de muintos e muintos home's do saber e da governança, qui atrabés dos tamos e das idades os abandonaro (abandonaram) à 'scrabatura do analfabetismo.

Contudo, 'scondido atrás da parede desse analfabetismo, g'arda ó meu pobo, o poço sem fundo da sua cultura popular a qual todos os dias me traç surpresas.

O falar do pobo é bida que se alimenta e se renoba e faç lambrar as cerpantes (serpentes) a deixar todos os anos, ó calor da primabera, um pedaço de si mesmas quando a camisa lhe' fica i antre as asp'rezas dos calhaus, e sem saber quais seij' ó dia de S. João, in que dũa beç pra sampre lh' acabe o incante (encanto) das metamorfozes (metamõrfoses).

Si o zelote do 'scarnecer contr'ó falar do pobo rude se 'squece de que num f'turo... e talbeç muinto próximo, oitros, mesmo dantre (dentre) os seus netos, cerão (serão) capazes de fazer iscarne (escárnio) do seu próprio falar, oitra cousa num faç, senão denunciar a plena luç, a sua minguada cultura por si próprio circunscrita a um circ'lo cujos lemites combido (convidam) a um neceçario (necessário) aumanto. E as largas miradelas dos presunçãos, nem sempre caibe (cabem) dantro das muralhas do respeito.

Quem dubidarà da p'essisão (precisão) do lebantamanto exhaustibo dos dialectos p'rtugueses, pró melhor conhecimento da nossa língua?

O CESTO DA PICA DAS CASTANHAS

A casa da séca (secagem das castanhas) do Albino ficou onti (ontem). Tinho (tinham) sido doze dias e doze noites a 'sfogueirar aquaijo (quase) sem tomar fôl'go, pra fazer chigar as castanhas ó ponto, e nas debidas (devidas) condições.

Naturalmant' o leitor poderá perguntar:

A casa da séca i é feita só pra secá-las (secar) castanhas?

Respondo que sim. Muintos labradores de Quintã são donos de bários souts e binhas no bai (vale) fundo do Marão, a norte deste colosso, na freguesia de Torgueda, mais propriamente nos sítios de Faijo e Castedo. Nessa área é que habia grande número de casas da séca, além das cardanhas pequeninas e humildes, exclusibamente destinadas à arrumação de castanhas ou de apoio prós dias in qui houbesse algum serbiço nos souts.

As adêgas das binhas são 'inda hoje casa de serbantia pra todos os trabalhos além de serbiri (servirem) de armazém pró binho, que lá fica todo o ano. Os labradores bão buscá-lo im picanos (pequenos) pipos, à medida qui o gasto (gastam). O transporte é feito dentro de um sacco, lubado (levado) ó ombro ou no alforge da i euga (égua).

Um só labrador tinha bárias casas da séca, ou porqu'os souts foisse (fossem) muinto distantes uns dos oitros, ou e principalmant' à conta de secar as castanhas. Estas por seir (serem) muintas, era obriga i-las secando ó mesmo tempo im três ou quatro caniços. E ó secar ùa caniçada, oitra se tratava de secar logo in seguida.

Sobr'tudo im anos muinto húmidos, tratava-se de apertar co' a séca, por causa das castanhas apodreceir (apodrecerem) com facelidad' (facilidade).

Ûa caniçada de castanhas poderia ser de dez (dez), quinze, binte sacas de castanhas, conforme o tamanho do caniço e a melhor ou menor altura de castanhas que tibesse.

O caniço é um sobrado feito de ripas, constituindo c'm'a qui um primeiro andar, mais ou menos funcional e a poupar

espaço e despesas. Algũas casas da séca ero (eram) muinto rudimentares. Oitras habia mais abantaijadas. E aquaijo todas tinha (tinham) ó lado um picano compartimanto pra meter a i euga (égua).

A secaije er-ó (era o) grande meio de fazer das castanhas o apreciado e balioso terceiro pão de Portugal, pr'longado até (até ao) brão (verão), à chigada da colheita noba dos cereais.

No pôbo de Quintã, por sobre a lareira, a melhor parte dos labradores inda hoije tem o caniço de secar as castanhas.

Aquela área das binhas e dos sutos, poboaba-se no mês da ceifa. Lubaba-se (levava-se) um colmeiro ou dois, mais ãas mantas, e por lá se fazia ãa bida parca mas alégri (alegre), at' ó fim da apanha e da séca. Ajuntabo-se os bezinhos e amigos im pr'longados seróins, co' as castanhas assadas e às pichorras do binho inda a ferber e a cheirar a mosto, crabo roixo a negar a cara mas a ofer'cer o coração.

Habia descantes, h'stórias, jôgo de cartas e ó falar de careta, muinto curioso, mas que g'ardarei pra oitr' ócasion.

A séca do Albino fichou ont (ontem), como ia dezando.

O carro das bacas troufe (trouxe) ãa serra enorme de sacas de castanhas. Antre (entre) sacos de lã tecidos no tiar e e sacas de zerpilheira (serapilheira), das que se compro (compram) na Bila (Vila), ero (eram) prài (talvez) ãas dezasseti. O que bal' (vale) é i elas pesair (pesarem) pouco.

Foro (foram) chamar o J'aquim P'reira prás picar, qu' el' é o mais c'stumeiro nesta labuta da pica.

Pra hoije tem marnega (grande tarefa)!

O cesto de picar é mandado fazer à própria. Tem o bordo birado pa d'antro, prás castanhas num saltair (saltarem) co' o mobimanto di as picar.

O picador salta a pisar as castanhas d'antro do cesto, a toda a brida (com grande desenvoltura).

Tem (têm) secado muintos castinheiros e as castanhas são a mingar sem jeito d'ano pra i ano. Por isso muintos labradores já nem seco (secam). E há pouco quem tenh-ó (tenha o) cesto de picar. Quem num no tem e p'essisa (precisa) del', pedi-o (pede-o) ó b'zinho.

O P'reira 'scolheu o sítio onde pisar as castanhas na sala grand'. Ficou pertinho do reloujo de modo a num perdê-la (perder a) conta das horas. E foi dezando (dizendo) im tom de graça, que pra poder aguantar aquel' trabalho de moiro, era p'essiso (preciso) bober (beber) a todas as meias horas. E é já do seu c'stume belho reclamar a pichorra de barro negro de Bisalhães, porque dá melhor paladar ó binho; assim como taméin dize (dizem) que saibe (sabem) melhor tanto as batatas c'm'ás castanhas, cozidas nãa panela de barro.

Iria ser trabalho des" manhã (manhã) cedo at' ó dia ser bem incimado (encimado), pra picar a caniçada das castanhas.

Q'alquer um pica co' ũas botas belhas. Oitros, ceirbe-se (servem-se) de tamancos.

O P'reira mandou fazer ũas picas à ideia del', ó çoqueiro (soqueiro) de Beçãozinho.

Anos atrás usaba uns chanatos (tamancos rompidos) belhos, mas as castanhas metium-se-lhe (metiam-se-lhe) por dantro (dentro) das peças e al'ijabo-lhe (aleijavam-lhe) os pés, além do scontra (contra) de ter de andar a cada cibo o tirá-los e a sacudi-los.

À conta disso é que el' mandou fazer os paus bem arrebitados, à moda de Barroso, co' a finalidade de lhe protegeir (protegerem) as pontas dos dedos. As peças de cabedal ficaro (ficaram) reduzidas a ũas correias justas ós pés, imbora largas o bastant'.

Infiado co' elas dantro do cesto da pica, «num sei por qui artes» el' desfazia, num pronto, as cascas dum cesto de castanhas «im borra» (pequenos detritos).

Um pisco (miúdo) como ele era, poucas castanhas 'smi-galhaba.

Por isso, e por sua lijeireza, foi o P'reira o rei de todas as picas (acção de picar as castanhas) no pobo de Quintã.

Quem no gababa e promobia ero-nas (eram as) mulheres que lhe reconheció-no (reconheciam o) mérito.

Picadas as castanhas, o pessoal femenino da casa, ajudado polas crianças, dá-se à tarefa da 'scolha.

Ua cribadela separa as castanhas da risca (detritos das cascas das castanhas secas).

A s'nhora Maria põe os netos pequerruchos a ajudar à 'scolha, e com muinto int'resse:

'Scolheis primeiro as que 'scaparo (escaparam) co' a casca de fora. Bamos g'ardá-las pró b'rão (verão). Ó fim das oitras todas, comemos êstas, qui o bicho num antra (entra) nelas assim resguardadas pola casca de fora; e as oitras fura-as e 'strinça-as.

Agora, separamos as bonitas pra um lado e as camisantas pró oitro. As bonitas são estas que ficaro (ficaram) sem casaco (casca externa) e sem camisa (casca interna). As camisantas, são essas, que 'stais a ber (ver), com algũa camisa ou co' a camisa toda.

— Sim sinhora, mãe Maria.

— As camisantas, pró cesto grand'.

— E porqui é que num poide (podem) ir todas juntas, mãe Maria?

— As bonitas dão mais dinheiro, ó se bandeiri (venderem), por ficar (ficarem) limpinhas, sem camisa ninhã. As camisantas já num tem tanto quem nas qu'reira (queira) comprar, porque são mais feias co' a camisa. E dão mais trabalho pra se cozeiri (cozerem). É p'essiso (preciso) 'scaldá-las com auga (água) cant' (quente) prá camisa amol'cer e se poder tirá-la práς cozer in seguida, ó ficair (ficarem) limpinhas.

A redadeira (derradeira) 'scolha i é a dos migalhos que foro (foram) no meio da risca. Muintas castanhas ficaro (ficaram) partidas, e esses bocadinhos num se poide (podem) desperdiçar.

— E que se faz ós migalhos?

— Que se faç?

— Sim.

— Co' estes migalhos é que se faize (fazem) os primeiros caldos de castanhas. Mas há oitra cousa: Os migalhos mais rijos bamos 'scolhê-los e pô-los à parte. Depois damos-lh' ãa partidinha mais co' o martelo. Laba-se a seixa (assento de granito no vão da janela) da janela bem labadinha, e depois,

truca, truca, truca, trata-se di as preparar (preparar) prás mandar moer.

— E pra quia (quê), mãe Maria?

— Ai co' essa farinha, já bos digo:

Num sabeis o qui é *falacha*?

— Nós não.

— A Lúcia já comeu «one passado» (o ano passado)...

Lúcia — Mas eu num tou lambrada...

— A *falacha* i é ùa bôla que se faç no forno co' a farinha das castanhas. É muinto docinha. São essas bôlas uns berdadeiros doces. São um mimo e ùa pranda que se dá ós meninos trabalhadores qui ajudo (ajudam) a fazer os trabalhos ó pai, à mãe, ó abua (avô) e à abó...

— Mãe Maria.

— Qui é.

— Ai eu hei-de ajudar muinto...

— Pois sim, filhinho. Depois taméin há-des comer muinta *falacha*.

Agora já sabeis que das castanhas se faç farinha e que dessa farinha se faç pão. Por isso, bê-de o balor que tem pra nós as arbes (árvores) ton (tão) nossas amigas, como são os castinheiros.

— Mãe Maria.

— Diz lá.

— E q'antas qu'idades há de castanhas?

— Eu conheço as melhores de todas, que são as *bebins*. As compridas, são *longais*. As compridinhas, mas mais miúdas e mais claras da casca, são as *benfeitas*. As redondas medianas, chamo-se (chamam-se) *moreiras*.

Estas qu'idades, conheço-as eu, mas acho qu'inda i há mais.

— E boncia (você) gosta mais delas cozidas ou assadas ou rilhadas cruas?

Avó — Talbeç cozidas.

Neto — Mas as secas são mais docinhas...

Isto d'zia, inquanto as 'staba rilhando.

A MODO DE CONCLUSÃO

In Quintã, ó bir (vir) o Maio, choba que nebe, é d'obriga rebirar o mesmo terrão que já se labraba lá nos tampos (tempos) inda an'triores ó tempo dos Afonsinhos. A charrua substituiu o arado. Ora o que num se substituiu foi o seu chamadoiro.

No rito santo da laboeira (lavoura), trata-se de cultibá-lo (cultivar o) pão de Deus. Seja usado o arado ou a charrua, a acção é a mesma. Charrua foi nome 'sconjurado.

Pola mesma ponte se passa, quando in todo o mundo se dá o nome de carne de baca, mesmo à que seja de boi; ou se diga que na casa do fidalgo se biu (viu) um cão de sinhora, apesar de lá só morar o belhote, e inda pra mais o cão ser cadela. Na boç (voz) do pobo, o arroç (arroz) tem de ser de freingo (frango). E já o a cainja (canja) nunca pode ser de galo.

Nesta laboeira da 'scrita que faço, resolbi cabalgar in xebre, (em pelo) acharruar a fala qu'a minha saudosa mãin me inxinou (ensinou) quando com ela repetia respeitosa' a i Abe-Maria, o Padre-Nosso ou a Salb'-Raíña.

Eu ia aquaijo (quase) a dezer qui há, da parte do pobo de Quintã, ãa prafunda (profunda) religiosidad' in tudo. E portanto taméin na i há no conserbar a fala tradicional co' a mesma deboção, co' o mesmo respeito com que se conserbo-nos (conservam os) preceitos rijos da moral, as regras do bua (bom) biber ou as práticas religiosas.

A bida do pobo mobe-se totalmante dantro dum circ'lo, e esse circ'lo é o seio de Deus. É sampre: «*Deus dianti (diante), — Com Deus me deito, com Deus me lebanto, co'a (pola) graça do SS. Sacramanto. — O pouco com Deus é muinto, o muinto sem Deus é nada*».

S'nhor Deus: qui as nossas graças, poucas e mal rezadas, bailo (valham) por muintas e bem rezadas. A honra de Deus e da Bírge Maria, Padre-Nosso com Ab'Maria.

O pobo é o mestre da língua, porqui êsta i é do pobo.

O dom da fala i é ãa imbanção (invenção) maravilhosa, com qui o home' s' afirm' ó rei da criação. Ó criar este meio qui o afirma animal social, num 'stabo (estavam) presentes os gramáticos. Estes oubiro (ouviram) primeiro. E só ódepois é que soletraro-nas (soletraram as) regras. Estas poderão conduzir ós paraísos da i arte, mas num deixarão de ser ãa tremanda barreira aonde o pobo atropeça muintas bezes.

Reservatório imanso de cultura, i é o pobo. E os eruditos inda num conseguiro (conseguiram) nem a noba charrua nem a moderna máquina pra concluir a laboeira da língua, capaç de fazer luzir plena e totalmenti, as jóias puras e belas que doirme (dormem) um sono primaberil antre os lábios da rusticidad.

Qui os 'studiôsos 'scuit' (escutem) os sons perdidos na 'scuridão do abandono, cruceficados no pau do crime qui é o desprezo imperdoáble.

Eu sou a fabor do melhor. Por isso tenho que lutar.

SUMMARY

Under the title «the way of speaking I learned», I intended to do a recollection of the manner of speaking of the people in Quintã, a village in the valley of Campeã (Vila Real), in the third decade of this century.

The verbal inflexion is mainly remarkable.

I am convinced that much is to be done in relation to the study of the language, equally in phonetics, in morphology or in semasiology.

This piece of work is only a small sample of the language of my people defended as a sacred thing; and to make it more pleasant I introduced the lightness of some ethnographic elements.

Agro Velho, Fevereiro de 1984.